



Nº 08

Agosto
2022

A reconexão com a política? Atores tradicionais e a corrida eleitoral nos estados

Humberto Dantas ¹

Em 2018 tiramos das urnas um conjunto de governadores eleitos em alguns estados sem conexão anterior com a política tradicional. Entraram para o rol de representantes brasileiros figuras de diferentes origens, distantes do universo eleitoral e partidário mais formal. Foram os casos de RJ, SC, MG, RO entre outros que ocuparam espaço na realidade do poder. A despeito de qualquer análise que se possa fazer daquele instante, cujas características escorrem para a composição da Câmara dos Deputados, do Senado e das assembleias legislativas, a sensação que se tem em 2022 é que parte desse fenômeno atrelado à lógica da novidade e de certa desconexão com a “política tradicional” está arrefecida. Para reforçar o argumento central dessa afirmação, o intuito dessa edição de Brasil em Foco, mensalmente editado pela Fundação Konrad Adenauer, é fazer um balanço das tendências para as eleições a governador nos 27 estados brasileiros com base em pesquisas e percepções agregadas.

Para tanto, teremos que partir de uma ideia basilar: acreditamos em pesquisas de opinião, a despeito de as sociedades serem dinâmicas, os resultados poderem mudar e os instrumentos serem falíveis. Esse debate é conhecido e basta um pouco de racionalidade para se entender o que estamos a tratar aqui. O que trazemos é uma percepção sobre alguns tópicos destacados, com base em pesquisas divulgadas até terça-feira dia 23/08.

Ideologia tem uma direita forte – Candidaturas encabeçadas por partidos de direita estão fortes nos estados e lideram 13 corridas (TO, RO, AM, AC, PI, CE, BA, GO, MT, RJ, MG, PR, SC), isso desconsiderando PSDB e MDB, classificados ao centro. O MDB está na dianteira em mais cinco unidades (DF, MS, AL, PA, RR) e o PSDB em uma (RS). A esquerda está na dianteira com seis candidaturas: RN, ES, SP, PB, MA, SE. Não foi classificado o Solidariedade, mas pelo perfil dos

líderes em Pernambuco e Amapá, tais legendas poderiam estar na esquerda. O PROS apoia Lula no plano federal, mas tem a liderança no Ceará com uma candidatura de direita.

PT e PL com foco no Planalto - Os partidos de Lula e Bolsonaro não têm forte capacidade de replicar no nível estadual o que promovem nacionalmente em torno da campanha presidencial. O PT lidera em SP, RN e SE. Na verdade, nesse último estado, a liderança é do PL, mas o candidato sofre severos problemas na justiça para consolidar seu nome legalmente. Assim, o Partido Liberal está na dianteira, apenas, no RJ, e a depender dos desdobramentos na justiça, no SE – o que retiraria o PT de tal posição e equilibraria o jogo entre tais legendas. Isso não impede que candidaturas de outros partidos, aliados ou não formalmente a PT e PL na corrida presidencial, se utilizem das imagens de Lula ou Bolsonaro. Ademais, o PL está em segundo lugar em: ES, RS, PB, RO e TO. Já o PT aparece nessa posição em: PI, BA e PR.

Coligações em ritmo federativo - Os partidos formulam coligações estaduais que embaralham por completo o que apresentam no plano federal e mesmo em termos de divisões ideológicas. Isso é explicado por teorias que associam a ideia de partidos nacionais em realidades federativas à lógica descentralizada. O ambiente das coligações foi artificializado por decisão judicial entre 2002 e 2006, caindo em 2010 e permanecendo assim desde então. Praticamente todos os grandes partidos se cruzam em ao menos um estado, o que por muito tempo deixou de ocorrer, exclusivamente, na lógica PSDB e PT, que se encontraram em poucos locais nos anos 90, mas depois da

¹ Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



verticalização haviam se distanciado definitivamente a partir de 2010. Esse ano estão juntos, por exemplo, no Rio de Janeiro em torno de Marcelo Freixo (PSB).

Políticos tradicionais reconectando a política? - Com raras exceções, quem lidera ou está em segundo lugar nos estados são políticos de carreira, que ao menos estão no universo eleitoral como governadores eleitos em 2018 ou como figuras que vieram para o jogo faz bastante tempo nas corridas e possuem ou já possuíram mandatos formais. As exceções, considerados apenas o primeiro e o segundo colocados nas pesquisas, são: Tarcísio de Freitas, do Republicanos de São Paulo, que foi ministro de Bolsonaro; Jerônimo Rodrigues (BA) e Rafael Fonteles (PI) ambos do PT que foram secretários das atuais gestões estaduais; Nilvan Ferreira, do PL da Paraíba, radialista que disputou e perdeu sua primeira eleição em 2020; e Marcia Pinheiro, do PV do Mato Grosso, que é primeira-dama da capital e debuta nas urnas. Todos eles estão em segundo lugar de acordo com as pesquisas mais recentes.

Reeleição como forte tendência - A reeleição é uma tendência bastante marcante. Ela pode ocorrer em diversos estados e onde é possível, sobretudo com o nome escolhido diretamente em 2018, é bastante provável nesse instante. Ao todo temos 14 governadores eleitos para tal fim em 2018 que disputam a reeleição, sendo os casos de ES, MG, PR, SC, DF, GO, MT, PB, RN, AC, AM, PA, RO e RR. Ainda existe o RS, cujo governador eleito se desincompatibilizou para buscar o Palácio do Planalto, não foi escolhido por seu partido para seguir na missão nacional e se candidata a mais um mandato estadual, sendo possível afirmar que em termos eleitorais se trata de uma tentativa de recondução. Desses 14, ou 15 representantes, todos lideram as corridas com exceção feita a Roraima, onde as pesquisas mostram a ex-prefeita da capital, Teresa Surita (MDB) na ponta em disputa equilibrada.

Existe, no entanto, um grupo eleito vice em 2018 que está no poder, sendo as disputas aqui mais equilibradas. São os casos de SP e MA cujos vices que ocuparam o poder na desincompatibilização dos titulares e buscam se reeleger, bem como os exemplos que herdaram o poder na cassação ou renúncia do titular: TO e RJ. MA,

TO e RJ estão na liderança em disputas acirradas, em SP o atual governador está em terceiro lugar. Em termos de vices, existem ainda aqueles locais em que estes políticos estão no governo, mas não disputarão novo mandato. São os casos de RS, PI e CE, sendo que nestes dois últimos temos duas mulheres.

Aqui merece atenção, ainda, o caso de AL. O cargo de governador ficou vago em 2022 a partir de desincompatibilizações, o que levou a uma eleição indireta geradora de polêmicas na justiça via Assembleia Legislativa. O então deputado estadual Paulo Dantas (MDB) foi eleito pelos pares e hoje, numa disputa bastante reñida, lidera as pesquisas pelo que legalmente é uma reeleição. Somados todos os casos que buscam se reeleger, temos acima 20 estados.

Mulheres ainda são minoria - O universo feminino, infelizmente, está muito aquém de sua representatividade e se vê alijado da disputa, como infelizmente tem sido padrão no Brasil. Só seis estados foram governados por mulheres que venceram o pleito como titulares de chapas na história recente do país desde 1994 – RN, MA, PA, RS, RR e RJ. O Centro-Oeste nunca teve uma governadora. Temos apenas uma mulher eleita governadora em 2014, e uma em 2018 (RN que lidera a reeleição). Hoje temos duas vices que estão no poder e não disputam a reeleição: Regina Sousa (PT) no Piauí e Izolda Cela (PDT, recentemente desfilhada) no Ceará, ambas eleitas vices. Em um estado existem duas mulheres liderando as eleições (PE) e em outros dois estados duas líderes (RR e RN). No mais, apenas homens liderando ou mulheres em condições menos favoráveis nas pesquisas. Em oito estados não há candidatura feminina a governadora.

Essencial concluir que até outubro muita coisa pode mudar. Ademais, em 12 estados o terceiro colocado nas pesquisas observadas tem 10% ou mais dos votos, e em cinco deles o quarto colocado também atinge tal pontuação (MS, AL, PB, PE e TO).

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.